
TEOLOGIA PRÁTICA



MÚSICA E LITURGIA NA IECLB – IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL¹

*Music and Liturgy in the IECLB – Evangelical Church of Lutheran Confession in
Brazil*

João Carlos de Souza² e Roger Marcel Wanke³

RESUMO

Elemento importante no culto nas principais confessionalidades cristãs, a música encontra seu lugar na liturgia, fundamentado em tradições que remontam ao Israel Antigo. A música aparece, de maneira inequívoca, como elemento do culto a Deus no Antigo Testamento. Há indicações seguras, especialmente nas cartas paulinas, de que a música também fazia parte do culto das comunidades cristãs primitivas. No entanto, a ausência de orientações bíblicas

¹ Artigo recebido em 3 de fevereiro de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 17 de agosto de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² João Carlos de Souza é graduado do curso de Bacharelado em Teologia na Faculdade Luterana de Teologia (FLT) e candidato ao pastorado na IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil E-mail: joão.souza@flt.edu.br.

³ Roger Marcel Wanke (Dr.) é professor na área de Teologia Bíblica do Antigo Testamento, Hebraico, na Faculdade Luterana de Teologia (FLT). Doutorado em Antigo Testamento pela Faculdade de Teologia da Universidade Friedrich-Schiller em Jena, na Alemanha. E-mail: roger.wanke@flt.edu.br.

mais explícitas quanto ao uso da música na liturgia levou a uma diversidade de atitudes quanto à sua recepção em diversas tradições cristãs, que incluem tanto a sua rejeição pela Igreja Antiga até o seu uso pedagógico no culto reformatório. Como igreja oriunda da Reforma, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) herdou uma rica tradição litúrgica e musical, que vem sendo atualizada conforme os diferentes contextos em que é vivenciada. A pluralidade de tradições intra eclesiais, consubstanciada em diferentes ênfases teológicas, litúrgicas e hermenêuticas, também se reflete nos diferentes usos da música no culto. Apesar disso, há princípios extraídos da Bíblia e da tradição luterana que devem ser valorizados para uma prática musical e litúrgica saudável no contexto das mais variadas tradições presentes na IECLB.

Palavras-chave: Liturgia. Culto cristão. Música. Luteranismo.

ABSTRACT

An important element in the worship service of the main Christian denominations, music finds its place in liturgy based in traditions that remain from Ancient Israel. Music appears unequivocally as an element in God's worship in the Old Testament. There are safe indications, especially in pauline letters, that it was also a part of the worship in primitive Christian communities. However, the absence of more explicit biblical orientations concerning the use of music in liturgy has led to a diversity of attitudes concerning its reception in different Christian traditions, going from its rejection by the Ancient Church to its pedagogical use in reformatory worship. As a church coming from the Reformation, the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil (IECLB) has received a rich liturgical and musical tradition, which is being actualized according to the different contexts in which it is lived. The plurality of intra-ecclesiastical traditions, embodied in different theological, liturgical and hermeneutic emphasis, also reflects in the different uses of music in the worship service. Despite this, there are principles extracted from the Bible and the lutheran tradition that must be valued for a healthy musical and liturgical practice in the context of the many traditions present in IECLB.

Keywords: Liturgy. Christian service. Music. Lutheranism.

INTRODUÇÃO

Lex orandi, lex credendi. Assim diz a antiga máxima latina segundo a qual a forma como a igreja ora e celebra está diretamente relacionada com aquilo que ela crê. Liturgia e doutrina da igreja não são dois compartimentos separados: problemas com a forma de celebrar normalmente indicam problemas com aquilo que se crê, e vice-versa. Na história da igreja antiga, a tradição litúrgica precedeu a fixação de dogmas e mesmo do cânon bíblico.

Esse princípio também se estende à música na liturgia. A música no culto

é reflexo do que a igreja crê. Ao mesmo tempo, ela ajuda a moldar a crença de quem canta. No período da reforma, o principal meio utilizado pelos reformadores para a disseminação de suas doutrinas foram os hinos⁴. Muitos cristãos podem não se lembrar da última pregação que ouviram, mas os hinos que são cantados regularmente são facilmente memorizados. Isso demonstra que a música no culto requer avaliação teológica, tanto quanto a pregação em si.

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a hinódia e as práticas musicais e litúrgicas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB – e de alguns de seus movimentos intraeclesiais, procurando evidenciar seus pontos fortes e fracos. Inicialmente, será abordado um histórico da tradição musical no luteranismo. O segundo capítulo discorrerá sobre o desenvolvimento da hinódia e da liturgia na IECLB, com a elaboração do Livro de Culto e dos hinários oficiais. O terceiro capítulo abordará especificamente os movimentos e alguns de seus cancionários, verificando como as diferentes ênfases teológicas ajudaram a moldar a liturgia e selecionar as músicas utilizadas. Finalmente, quer-se extrair alguns princípios a partir da tradição luterana para a música na liturgia.

1 MÚSICA E LITURGIA: EMBASAMENTO BÍBLICO E TEOLÓGICO

O culto é a atividade primordial da comunidade cristã, entendido como o encontro desta com Deus⁵. Esse encontro entre duas partes, segundo a tradição que nos legou a Igreja Universal⁶, se dá por meio de um diálogo em que, em alguns momentos Deus fala com a comunidade, e em outros, a comunidade se dirige a Deus. Essa sequência de atos ou elementos por meio do qual esse diálogo acontece denomina-se liturgia⁷.

Dentre as muitas formas através das quais o ser humano pode se dirigir

⁴ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão**. São Leopoldo, Sinodal, 2001, p. 146.

⁵ KIRST, Nelson. **Nossa liturgia**: das origens até hoje. 3. ed. Ver. – São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 11.

⁶ Neste ensaio optou-se pelo uso da expressão Igreja Universal todas as vezes em que se faz referência à totalidade da igreja cristã na Terra. Evitou-se o uso das expressões “Igreja Católica” ou simplesmente “Igreja” para evitar confusões com a igreja romana ou com igrejas locais ou denominações.

⁷ KIRST, 2003, p. 11.

a Deus ou ainda a Palavra de Deus pode ser veiculada ao ser humano, a música tem ocupado um lugar preponderante em toda a história do povo de Deus. Consequentemente, a música aparece na liturgia da Igreja Cristã em praticamente todas as tradições e em todas as épocas, embora seu uso tenha acontecido de muitas maneiras diferentes.

Importante ressaltar que o uso da música no culto não é um fenômeno especificamente cristão, ou mesmo judaico, pois encontramos uma função cultural da música em praticamente todos os povos⁸.

A música já aparece como elemento de culto a Deus no Antigo Testamento, embora não se possa determinar se havia distinção entre a música sacra e a música profana⁹. Os salmos eram usados no louvor do santuário em Israel como oferta musical, ao lado das ofertas de sacrifício¹⁰. Através dos salmos, a música do templo veterotestamentário pode ter sido legada à sinagoga, e por meio dela, à igreja cristã¹¹.

Assim como não temos evidências muito precisas sobre a liturgia das comunidades cristãs primitivas¹², também não se sabe como era a música, mas o Novo Testamento nos dá indicações seguras de que ela estava presente no culto¹³. O autor do Apocalipse faz referências a trombetas e harpas¹⁴, possivelmente projetando para o culto celestial elementos que já estavam presentes no culto terreno¹⁵. Há evidências de que o autor do Apocalipse era um grande conhecedor

⁸ GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: Dádiva e Compromisso. In: EWALD, Werner (editor). **Música e Igreja**: reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo, Sinodal, 2010, p.17-38.

⁹ ALBRECHT, Christoph. A música do culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph, MEYER BLANCK, Michael, BIERITZ, Karl-Heinrich (Orgs.). **Manual de Ciência Litúrgica**. Volume 2. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p. 332.

¹⁰ LEONARD, Richard C. Psalms in biblical worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.). **The complete library of Christian worship**. Vol. 1: the biblical foundations of Christian worship. Massachusetts: Hendrickson, 1993, p. 239.

¹¹ ALBRECHT, 2013, p. 332.

¹² BRADSHAW, Paul F. The search for the origin of Christian worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.). **The complete library of Christian worship**. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994, p. 3-5.

¹³ ALBRECHT, 2013, p. 333.

¹⁴ Apocalipse 4.11, 5.9-14, 7.9-12, 8.2, 14.2-3, 15.2-4.

¹⁵ ALBRECHT, 2013, p. 332.

da liturgia do templo judaico¹⁶. A prática dos cânticos também é atestada nas cartas paulinas¹⁷. Nos dois primeiros capítulos do evangelho de Lucas, a narrativa do nascimento de Jesus é permeada de cânticos¹⁸: Maria (1.46ss), Zacarias (1.68ss), os anjos (2.13ss) e Simeão (2.29ss).

Apesar das referências bíblicas a respeito da prática musical no culto, a igreja antiga rejeitou a utilização de instrumentos musicais para acompanhar o canto¹⁹. Contribuíram para essa atitude a influência do pensamento platônico, que esforçava-se por afastar do canto as emoções humanas, bem como a rejeição ou desconfiança por parte dos pais da igreja quanto ao uso de instrumentos de cordas, percussão e sopro, por serem práticas muito difundidas entre os pagãos²⁰.

Agostinho repete princípios neoplatônicos e pitagóricos em relação à música em “De musica”, acentuando a importância do texto acima do musical. Boécio, em “De institutione musica”, prioriza a razão sobre a emoção. O papado de Gregório Magno (589 a 604) estabeleceu normas precisas para a liturgia e o canto litúrgico. Curiosamente, o canto gregoriano não foi sua criação, mas originou-se de três práticas em voga na igreja antiga: a cantilação (canto falado com variações melódicas mínimas), as antífonas (refrões ou estribilhos, principalmente em salmos) e os hinos (versos compostos fora do âmbito das escrituras)²¹.

Instrumento musical comumente associado à igreja na Idade Média, o órgão inicialmente tinha um uso profano ou secular. Esse instrumento foi utilizado para a aclamação ao imperador Carlos Magno durante a sua coroação, no ano 800. A partir de então, a igreja passou a considerar justo que se dedicasse a Deus, no mínimo, aquilo que se dedicava a um imperador, sendo o órgão associado à igreja e ao culto por mais de um milênio subsequente²².

¹⁶ GRAY, Robert. Worship in the book of revelation and the eastern orthodox liturgy. In: WEBBER, Robert E. (ed.) **The complete library of Christian worship**. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994, p. 21-26.

¹⁷ Efésios 5.19, Colossenses 3.16

¹⁸ ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. Teoria e Prática do Ministério de Música. In: EWALD, Werner (editor). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. São Leopoldo, Sinodal, 2010, p. 59-93.

¹⁹ ALBRECHT, 2013, p. 333.

²⁰ MARASCHIN, Jaci. **Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade**. São Paulo: ASTE, 2010, p. 106

²¹ MARASCHIN, 2010, p. 107

²² ALBRECHT, 2013, p. 342.

A Reforma Protestante no século 16, embora não tenha feito surgir nenhuma atitude essencialmente nova com relação à música²³, teve como principal legado nesta área a restauração do canto comunitário²⁴. Martinho Lutero, o principal dos reformadores, priorizou a música no idioma vernáculo, e foi autor de diversas letras e melodias de hinos²⁵. Enfatizou ainda o uso do canto coral e do canto litúrgico para fins pedagógicos²⁶. No tocante às práticas litúrgicas e musicais, Lutero partiu de um princípio conservador²⁷, mantendo tudo o que a tradição da igreja havia legado, exceto aquilo que entrasse em conflito com o Evangelho, numa atitude de continuidade com a Igreja Universal²⁸.

Lutero demonstrou preocupação com a instrução na fé especialmente das pessoas jovens e simples. Por isso também preconizou que no culto a música também fosse agradável a essas pessoas, de maneira que os jovens tivessem com que se ocupar além das canções carnavais. Denominou pseudoespirituais os grupos radicais que eram contrários ao uso das artes, inclusive a música, no culto cristão²⁹.

A música é fundamental na compreensão de culto de Lutero. Embora o reformador tenha entendido que a pregação e o ensino da Palavra é o elemento principal do culto³⁰, a música partilhava também essa função. Para Lutero, liturgia e música deveriam estar subordinadas à pregação da Palavra. Por isso no prefácio à sua ordem de culto para a Missa Alemã, o reformador deixou claro que não queria instituir uma lei ou rito obrigatório, nem substituir outras ordens de culto que os pastores porventura considerassem mais adequadas para suas comunidades locais, mas tão somente oferecer um subsídio³¹.

²³ MARASCHIN, 2010, p. 107

²⁴ SCHALK, Carl F. **Lutero e a música: paradigmas de louvor**. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 54.

²⁵ SCHALK, 2006, p. 32-33.

²⁶ MARASCHIN, 2010, p. 107-108

²⁷ WHITE, James F. Lutheran Worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.). **The complete library of Christian worship**. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994, p. 75-76.

²⁸ SCHALK, 2006, p. 59-60.

²⁹ LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto. In: Comissão Interluterana de Literatura. **Obras Seleccionadas de Martinho Lutero** vol. 7. São Leopoldo: Sinodal, e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 177.

³⁰ LUTERO, 2000, p. 182.

³¹ LUTERO, 2000, p. 177-178.

Outra função da música no culto cristão para Lutero é expressar a alegria³². A redenção proporcionada por Cristo, que livra do pecado e da morte, deve ser motivo de intenso júbilo. Quem crê seriamente nisso terá alegria em cantar³³. Em seu “Prefácio a todos os bons hinários”, Lutero personifica em versos a “Dona Música”, afirmando que a música como fonte de prazer não é pecado, mas agrada a Deus³⁴.

Outra atitude adotou a tradição reformada. Calvino, embora concordasse com Lutero ao reconhecer a música como dádiva divina, temia que o prazer suscitado pela música levasse à dissolução³⁵, o que o levou a rejeitar o uso de música instrumental no culto³⁶. Zwínglio foi ainda mais radical, rejeitando qualquer prática musical na liturgia³⁷. Nisso se manifestava a tradição reformada de enfatizar sua identidade em oposição à da Igreja Católica³⁸, no que se distinguiu do luteranismo.

No período barroco, houve o amadurecimento da polifonia e a teatralização do canto litúrgico³⁹. Nesse período, destacou-se a figura de Johann Sebastian Bach. Suas cantatas publicadas no século 18 consistiam na musicalização de textos livres, razão pela qual tinham uma função litúrgica semelhante à das prédicas⁴⁰.

A tradição musical no luteranismo sofreu influências ainda de movimentos

³² A alegria pela salvação é expressa, por exemplo, no hino “Cristãos alegres jubilai” (nº 155 no hinário *Hinos do Povo de Deus*), de autoria do próprio Lutero. Os primeiros versos dizem: “Cristãos alegres jubilai, felizes exultando. Com fé e com fervor cantai, a Deus glorificando [...]”. cf. **Bíblia Sagrada e Hinos do Povo de Deus**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SBB, 2010, p. 62.

³³ LUTERO, Martinho. Prefácio ao hinário de Babst de 1545. In: Comissão Interluterana de Literatura. **Obras Seleccionadas de Martinho Lutero** vol. 7. São Leopoldo: Sinodal, e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 482.

³⁴ LUTERO, Martinho. Prefácio a todos os bons hinários. In: Comissão Interluterana de Literatura. **Obras Seleccionadas de Martinho Lutero** vol. 7. São Leopoldo: Sinodal, e Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 483.

³⁵ MARASCHIN, 2010, p. 107

³⁶ ALBRECHT, 2013, p. 337

³⁷ MARASCHIN, 2010, p. 107

³⁸ SCHALK, 2006, p. 59-60.

³⁹ MARASCHIN, 2010, p. 108

⁴⁰ ALBRECHT, 2013, p. 340

como o pietismo⁴¹ e o iluminismo⁴². Mais recentemente, especialmente no contexto latino-americano, a teologia da libertação⁴³ e o evangelicalismo norte-americano⁴⁴ têm deixado suas marcas na prática musical e litúrgica das igrejas luteranas.

Na tradição da igreja cristã universal, e mais especificamente na tradição luterana, podemos inferir que a música possui diversas funções litúrgicas, sendo algumas delas: artística, cultural, memorial, pedagógica, proclamatória e doxológica.

A liturgia, e com ela a música, tem também a função de trazer à memória acontecimentos fundantes da igreja cristã. Na igreja antiga, a melodia do canto subordinava-se à letra e tinha a função de sublinhá-la⁴⁵. A memória de eventos como a última ceia era reativada por meio de leituras e do canto. Essa função permanece até os dias atuais.

Martinho Lutero enfatizou o uso pedagógico da música⁴⁶. Esse uso não se restringia à música no culto, mas também a incluía. Lutero percebeu o quanto a melodia ajudava a memorizar textos e quanto a música veiculava teologia em suas letras.

A reforma enfatizou ainda a música como instrumento para a proclamação da Palavra. Lutero relacionava essa função da música com a glorificação de Deus, pois Deus é glorificado principalmente por meio da proclamação de sua Palavra⁴⁷. Função semelhante tiveram as cantatas de Bach no período barroco⁴⁸.

A função doxológica da música corresponde ao seu uso específico para a glorificação de Deus. O canto não é apenas meio através do qual a Palavra é transmitida, mas também resposta da comunidade à Palavra⁴⁹. Essa função é preponderante em momentos da liturgia como o *Gloria Patri*, *Gloria in Excelsis* e a aclamação do Evangelho com o *Aleluia*, além de todos os momentos em que são entoados hinos ou cânticos que sublinham a majestade, onipotência, justiça e

⁴¹ MARASCHIN, 2010, p. 111-112

⁴² FREDERICO, 2001, p. 184.

⁴³ MARASCHIN, 2010, p. 111-112

⁴⁴ FREDERICO, 2001, p. 242.

⁴⁵ MARASCHIN, 2010, p. 45

⁴⁶ MARASCHIN, 2010, p. 107-108

⁴⁷ SCHALK, 2006, p. 47.

⁴⁸ ALBRECHT, 2013, p. 340

⁴⁹ ALBRECHT, 2013, p. 333.

misericórdia de Deus.

Seria possível falar ainda de uma função missional da música. Embora raramente se admita, a música tem sido usada nos dias de hoje como atrativo e entretenimento nas igrejas⁵⁰. Por um lado, isso pode representar uma banalização da música e do culto cristão⁵¹. Por outro lado, igrejas que se prendem a formas tradicionais de liturgia aparentam dificuldade em crescer e ter algum impacto na sociedade brasileira⁵².

O mercado da música religiosa, e especialmente o da música *gospel*, é hoje um dos mais lucrativos na indústria fonográfica brasileira. Em praticamente todo o território nacional atuam emissoras de rádio especializadas nesse segmento. Permanece uma questão polêmica: até que ponto a atração exercida pela música pode ser utilizada de uma forma legítima dentro da liturgia, ainda que com prejuízo da qualidade musical e teológica, bem como da identidade confessional das igrejas históricas.

A Igreja Evangélica Luterana da América, com a qual a IECLB mantém comunhão através da Federação Luterana Mundial, estabeleceu alguns princípios para o uso da música na adoração. Dentre eles, ressaltamos a música como atividade comunitária: a congregação é o conjunto musical principal, e a voz deve ser o principal instrumento⁵³. Também é ressaltada a função da música de transmitir a fé das gerações mais antigas às mais novas, devendo por isso haver um balanço saudável entre material tradicional e canções novas⁵⁴.

2 MÚSICA E LITURGIA NA IECLB

A IECLB é uma igreja plural desde sua origem, e isso se reflete também na prática da liturgia e da música em seu contexto. O desenvolvimento das comunidades que deram origem a IECLB ocorreu com a vinda ao Brasil de

⁵⁰ SCHALK, 2006, p. 67

⁵¹ MARASCHIN, 2010, p. 24

⁵² MARASCHIN, 2010, p. 25

⁵³ Iglesia Evangélica Luterana en América. **Principios para La adoración**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2003, p. 25-27.

⁵⁴ Iglesia Evangélica Luterana en América. **Principios para La adoración**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2003, p. 27.

imigrantes de origem germânica, iniciando em 1824 nas cidades de Nova Friburgo (RJ) e São Leopoldo (RS)⁵⁵. A partir de então, diversas colônias de imigrantes evangélicos foram se estabelecendo, especialmente na região Sul e no estado do Espírito Santo.

Nas primeiras décadas dessa imigração, as comunidades estavam praticamente abandonadas no que se refere ao atendimento espiritual. Os imigrantes, provenientes de diferentes regiões da Alemanha, trouxeram consigo diversos hinários⁵⁶. Estes hinários, assim como outras literaturas (Bíblia, catecismos, etc.) nutriram a fé dessas pessoas durante aquele período. Além dos hinos, os hinários traziam orações no apêndice, e forneciam consolo espiritual e lembrança da terra natal⁵⁷.

As comunidades evangélicas de origem germânica foram gradualmente se aglutinando, formando sínodos e associações. Em 1949, quatro sínodos evangélicos então existentes formaram uma Federação Sinodal⁵⁸. Embora os sínodos mantivessem sua autonomia, caminhava-se em direção a uma fusão. Em 1954, a federação passa a adotar o nome Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil⁵⁹. A adoção desse nome teve significativa relevância por três motivos: a federação de sínodos torna-se oficialmente uma igreja ou denominação; a igreja adota definitivamente a confessionalidade luterana (pois algumas das comunidades que vieram a se juntar adotavam anteriormente uma confessionalidade reformada ou unida); e a igreja entende-se definitivamente como uma igreja brasileira, e não mais como uma diáspora da igreja alemã, que no entanto ainda era reconhecida como a Igreja-mãe.

Desde então, a identidade da IECLB como uma igreja brasileira vem sendo reafirmada, embora a membresia ainda seja predominantemente de ascendência germânica. O censo do IBGE em 2010 demonstrou que, dentre as pessoas que se identificam como luteranas, mais de 90% declararam-se brancas. Na população em geral, esse percentual é de apenas 47,5%. Além disso, em 2010, 75% das

⁵⁵ CREUTZBERG, Leonhard. **Estou pronto para cantar**: subsídios para a hinariologia da IECLB. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 11.

⁵⁶ CREUTZBERG, 2001, p. 17.

⁵⁷ CREUTZBERG, 2001, p. 26-27.

⁵⁸ PRIEN, Hans-Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001, p. 491.

⁵⁹ PRIEN, 2001, 493.

pessoas que se declararam luteranas residiam na região sul⁶⁰. Sendo a IECLB uma igreja formada por imigrantes que tomou conscientemente a opção de tornar-se uma igreja brasileira, podemos esperar que esse processo de abasileiramento seja gradual, e que ele também influi na maneira como a igreja celebra, ou seja, na liturgia e na música.

As comunidades que vieram a formar a IECLB reproduziam inicialmente as mesmas formas litúrgicas com as quais os imigrantes estavam acostumados em sua terra natal. Na prática, isso significa que a liturgia conhecida como prussiana foi a mais utilizada durante grande parte da história das comunidades, e permanece em uso em muitos locais até hoje. Essa liturgia foi fruto dos esforços do rei Frederico Guilherme III, da Prússia, que em 1822 editou a “Agenda Eclesiástica para a Igreja da Corte e da Catedral de Berlim”. A intenção do rei era unificar as igrejas luteranas e calvinistas nos territórios sob sua jurisdição, e isso incluía a elaboração de uma liturgia única que contemplasse elementos de ambas as tradições. No tocante à música, Frederico Guilherme III quis que essa liturgia fosse solene e grave, e inspirou-se nas melodias utilizadas pela Igreja Ortodoxa Russa⁶¹.

Isso não significa que não houvesse outras liturgias utilizadas entre os imigrantes, seja porque alguns deles eram provenientes de regiões que não estavam sob a jurisdição da igreja unida da Prússia, seja por iniciativa dos próprios pastores. Apesar disso, a ausência de um livro de culto adotado oficialmente pela denominação significou que em muitas vezes as comunidades tiveram que fazer improvisações ou se ater às liturgias herdadas da Europa. Isso começou a mudar em 1990, quando o Concílio da IECLB realizado em Três de Maio (RS) decidiu que era chegada a hora da igreja oferecer às comunidades orientações mais precisas sobre liturgia. A partir de então foi elaborado e distribuído, em caráter experimental, o prontuário “Celebrações do Povo de Deus”, que continuou em uso até 2003, quando foi editado o Livro de Culto atualmente vigente⁶².

O Livro de Culto da IECLB, embora traga modelos de liturgias prontas

⁶⁰ O IBGE não diferencia entre as diferentes denominações luteranas. Dados calculados com base nas informações encontradas em: IBGE. Censo demográfico e contagem da população. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=13&i=P&c=1489>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

⁶¹ FREDERICO, 2001, p. 213-214.

⁶² Cf. prefácio do pastor presidente Dr. Walter Altmann em: MARTINI, Romeu R. **Livro de Culto**. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 5.

e sugestões de melodias para cantos litúrgicos, não é um prontuário litúrgico como os herdados da Europa pelos imigrantes. A intenção não é que a liturgia seja repetida de forma automática, que os textos sejam meramente lidos, ou que existam melodias fixas para cada parte da liturgia, mas sim que, conforme as orientações do livro, a comunidade celebre de maneira viva e participativa. Por isso o livro utiliza a expressão moldagem da liturgia⁶³. Isso certamente fomentou uma maior diversidade, inclusive na área da música.

Quanto à hinariologia, a IECLB também passou por um processo lento até que fosse adotado um hinário comum. Os imigrantes traziam consigo hinários diferentes, e quando um pastor visitava a comunidade era necessário selecionar, entre todos os hinários, os hinos que fossem de conhecimento comum. Com a formação dos sínodos, as comunidades foram progressivamente adotando hinários comuns, até a adoção do Hinário da IECLB, que continuou em uso até a edição do atual hinário⁶⁴.

O hinário atualmente em uso na IECLB, o “Hinos do Povo de Deus” (HPD), teve seu primeiro volume editado em 1981. Foi elaborado por uma comissão sob a coordenação do pastor Lindolfo Weingartner, com a intenção de selecionar o melhor da tradição herdada pelas comunidades até então, e de incluir músicas novas e de origem brasileira. Foram selecionados 306 hinos, tentando contemplar a maior parcela possível da membresia da igreja. O nome do hinário foi escolhido pela Editora Sinodal⁶⁵.

A comissão do hinário realizou uma revisão do hinário então em uso, excluindo os hinos que eram considerados fracos e que não estavam mais sendo utilizados. Foram incluídos novos hinos provenientes de outras igrejas brasileiras ou que já estivessem sendo usados em comunidades da IECLB. Os critérios para a inclusão desses novos hinos foram: conteúdo bíblico, originalidade e qualidade de forma, simplicidade ou cantabilidade⁶⁶.

Apesar dos esforços, o resultado foi um hinário conservador, com poucas músicas contemporâneas. Apenas 10% dos hinos eram da década de 1950 ou posterior, de maneira que o hinário acabou se tornando mais um depositário da

⁶³ MARTINI, 2003, p. 10,

⁶⁴ CREUTZBERG, 2001, p. 41.

⁶⁵ CREUTZBERG, 2001, p. 129.

⁶⁶ FREDERICO, 2001, p. 31-32.

tradição cantada do luteranismo⁶⁷.

Na década de 1990, outra comissão do hinário reuniu-se para elaborar um segundo volume do HPD, que não viria para substituí-lo, mas sim para complementá-lo. O ponto de partida foi o XVIII Concílio Geral da IECLB em 1992, e a seleção de hinos foi feita entre 1997 e 1999, tendo como base diversos cancionários em uso nas comunidades, aproveitando traduções de canções oriundas de diversas partes do planeta e de diversas confissões⁶⁸.

Como resultado, atualmente os dois volumes do HPD são utilizados nas comunidades da IECLB, sendo que os hinários são editados de forma unificada como apêndice nas bíblias personalizadas que são distribuídas em muitas comunidades⁶⁹. Os primeiros 306 hinos (HPD 1) estão distribuídos em temas, de acordo com o calendário litúrgico (advento, natal, epifania, paixão, páscoa, ascensão, pentecostes, trindade) ou com outros temas da vida cristã (batismo, confirmação, ceia do Senhor, arrependimento, fé, missão, matrimônio, morte e vida eterna, etc.).

Neste primeiro volume, grande parte dos hinos é proveniente do período da ortodoxia luterana e do pietismo. Entre os autores notáveis estão Paul Gerhardt (1607-1676), cujas letras serviram de base para diversos hinos do HPD 1 (números 1, 26, 27, 35, 43, 47, 53, 65, 80, 160, 217, 222, 241, 244, 257, 271, 274 e 277)⁷⁰. Também o conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-1760), importante autor de hinos do movimento pietista e líder da fraternidade dos Irmãos Morávios, é autor de hinos do HPD 1 (números 94, 115, 175, 210).

Os hinos 307 a 492 (HPD 2) também estão organizados em seções de acordo com o calendário litúrgico (advento, natal, páscoa, ascensão, pentecostes) e outros temas, trazendo também seções que não existiam no primeiro hinário (salmos, textos bíblicos, esperança de transformação, meio ambiente, etc.). Chama atenção neste segundo volume do hinário a grande quantidade de composições nacionais. O grupo “Vencedores Por Cristo”, ministério interdenominacional brasileiro, fundado pelo pastor norte-americano Jaime Kemp, é autor ou tradutor

⁶⁷ FREDERICO, 2001, p. 33-34.

⁶⁸ CREUTZBERG, 2001, p. 130-131.

⁶⁹ **Bíblia Sagrada e Hinos do Povo de Deus**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SBB, 2010.

⁷⁰ Cf. Portal Luteranos. Paul Gerhardt. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/paul-us-gerhardt-1607-1676>>. Acesso em 21 nov. 2015.

dos seguintes hinos que vieram a ser incluídos no HPD 2: 309, 357, 384, 421, 423, 451, 470, 471, 478, além do hino nº 197 do HPD 1. Autores oriundos da própria IECLB também contribuíram com hinos, como por exemplo: Edson Ponick, Rodolfo Gaede, Oziel Campos de Oliveira Jr., Nelson Kirst, Cláudio Kupka, etc., bem como compositores brasileiros de outras tradições cristãs, como José Acácio Santana, Pe. Zezinho, Asaph Borba, etc.

Atualmente a IECLB possui um Conselho Nacional de Música, órgão assessor do Conselho da Igreja formado em 1981, que se reúne anualmente⁷¹. Também foi designada pelo Conselho da Igreja, em 2011, uma nova comissão que desde então elaborou um novo hinário para a IECLB, publicado em outubro de 2017, por ocasião do jubileu dos 500 anos da Reforma Protestante. O novo hinário, que ao mesmo tempo mantém a rica tradição dos hinos, surgidos ao longo da história, e também inova com músicas contemporâneas, chama-se Livro de Canto da IECLB. Ele foi fruto de um trabalho intenso e minucioso de uma comissão⁷², que para a seleção do repertório das músicas fez uso de vários critérios, tais como: **a)** Cantabilidade, tanto no que se refere às questões técnicas do canto, como também à sua relevância no contexto das comunidades; **b)** Equidade temática a partir dos temas do ano litúrgico e de temas e contextos da fé cristã, tanto na dimensão litúrgica, comunitária, ecumênica e pessoal; **c)** Confessionalidade a partir da preocupação em preservar o patrimônio musical luterano, tendo como ponto de referência os fundamentos da teologia luterana. O novo Livro de Canto da IECLB possui 641 músicas, divididos em três eixos temáticos: Canto do Culto Cristão, Canto do Tempo Litúrgico e Canto da Igreja. Ao final, o Livro de Canto apresenta um índice por títulos e outro pela primeira linha das músicas, para facilitar a sua localização.

Nas palavras do pastor Cláudio Kupka, que escreveu, como coordenador da comissão, a introdução ao livro de Canto da IECLB, “um Livro de Canto é sinal de unidade e identidade, é referência do que identifica a teologia e a prática musical de uma igreja e resistência a uma tendência que esvazia e deturpa a

⁷¹ Cf. Portal Luteranos. **Conselho Nacional de Música da IECLB**. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/conselho-nacional-de-musica/assessoria-1>. Acesso em 21 nov. 2015.

⁷² Cf. Portal Luteranos. **Reunião da comissão do novo hinário**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/reuniao-da-comissao-do-novo-hinario>> Acesso em: 21 nov. 2015.

nossa compreensão do Evangelho”⁷³. Nesse sentido, surge a expectativa na IECLB, de que com o novo Livro de Canto, a unidade confessional da igreja possa ser fomentada ainda mais. De forma geral, pode-se dizer que o repertório do novo Livro de Canto surgiu desta preocupação e tem todas as condições de continuar promovendo com qualidade musical e textual, não apenas o louvor a Deus, no contexto das comunidades da IECLB, mas também a reflexão e o ensino confessional, por meio das músicas selecionadas⁷⁴.

Evidentemente, as diretrizes emitidas pela IECLB em relação à música e aos hinários oficiais não encerram em si mesmas toda a complexidade do cenário musical das comunidades. Em tempos recentes, a possibilidade de projetar as letras das músicas com auxílio de equipamento eletrônico (data-show) diminuiu a dependência que as comunidades tinham dos hinários impressos. Isso também possibilita uma maior dinamicidade para a escolha de canções mais novas que não se encontram nos hinários oficiais.

Além disso, a IECLB tem em seu meio uma diversidade de correntes teológicas, com diferentes ênfases e maneiras de compreender a missão cristã no mundo. Essas diferentes ênfases na pregação também representam diferentes ênfases na liturgia e na música utilizada durante o culto, que serão abordadas no próximo capítulo.

4 LITURGIA E MÚSICA NOS MOVIMENTOS INTRAECLESIASTICOS DA IECLB

Como a IECLB é uma igreja plural, nela estão representados diversos grupos com tendências e ênfases teológicas diferentes. A relação desses grupos com a estrutura oficial da igreja varia de acordo com a localidade, mas em geral cada movimento entende-se como parte do todo e comprometido com a confessionalidade luterana. As ênfases teológicas diferentes também influenciam as práticas litúrgicas e musicais em cada grupo.

⁷³ EBERLE, Soraya Heinrich (et. al.) **Livro de Canto da IECLB**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2017.

⁷⁴ Por conta do espaço, abre-se mão aqui de fazer uma análise teológica mais detalhada a respeito do conteúdo dos temas e das músicas selecionadas para o repertório, que compôs o novo Livro de Canto da IECLB. Trata-se, portanto, de um bom e importante tema a ser refletido e abordado adiante em trabalhos como esse.

No entanto, é importante ressaltar que as tendências teológicas existentes não se resumem aos três grupos que abordaremos aqui. Seria possível ainda falar de grupos como a Comunhão Martin Lutero, que enfatiza a confessionalidade luterana e a teologia da reforma⁷⁵, ou ainda o movimento carismático, que como grupo organizado não existe mais na IECLB mas certamente ainda deixou rastros⁷⁶. E mais ainda, dentro dos próprios movimentos existem práticas e opiniões muito diversificadas.

Além disso, temos a grande maioria da membresia e muitos ministros que não se encaixam em nenhum grupo específico. Ter simpatia por uma determinada corrente teológica não deveria significar a exclusão de todas as contribuições vindas de outros movimentos da igreja. A experiência mostra que as possibilidades são infinitas: é perfeitamente possível que um pastor adepto da teologia da libertação cante hinos pietistas durante um culto, ou que um pastor evangelical celebre cultos de acordo com a liturgia prussiana, por exemplo. Em comunidades maiores é possível encontrar grupos de leigos e ministros que simpatizem com linhas teológicas diferentes entre si. Portanto, as diferentes ênfases e tendências que serão apontadas abaixo não podem ser generalizadas, pois a complexidade da vida real em muito ultrapassa as disposições e as diretrizes que estão nos documentos oficiais da igreja e dos movimentos.

4.1 Evangelicalismo e o Movimento Encontro

Entende-se por evangelicalismo uma tendência supra-denominacional na teologia e na espiritualidade cristã que coloca ênfase sobre quatro aspectos: autoridade das Escrituras; redenção por meio da morte de Cristo na cruz; necessidade de conversão pessoal; e necessidade do evangelismo⁷⁷. Outros

⁷⁵ Ressalte-se o trabalho realizado pela Obra Missionária Acordai, ligada à Comunhão Martin Lutero, que se dedica a difundir a confessionalidade luterana por meio da música. Cf. Portal Luteranos. **Obra Missionária Acordai**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/organizacao/obra-missionaria-acordai>>. Acesso em 26 nov. 2015.

⁷⁶ Sobre o processo de cisão com o Movimento Carismático, leia-se a carta pastoral emitida pela presidência da IECLB em 2005. Cf. Portal Luteranos. **Momento atual da IECLB, em especial a relação com o Movimento Carismático**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/momento-atual-da-ieclb-em-especial-a-relacao-com-o-movimento-carismatico-2005>>. Acesso em 26 nov. 2015.

⁷⁷ McGRATH, 2005, p. 159-160.

assuntos, como a eclesiologia, sacramentos e ritos, normalmente são considerados de menor importância, admitindo-se um pluralismo.

As diferenças denominacionais também são de importância secundária para esse movimento. Por esta razão, o evangelicalismo é encontrado em praticamente todas as igrejas protestantes. Por admitir uma pluralidade de opiniões tão grande, o evangelicalismo não é um movimento homogêneo. Mesmo assim, podemos tentar identificar ainda algumas características gerais do movimento evangelical. Cairns elabora quadros comparativos entre o evangelicalismo e o ecumenismo liberal, tendência predominante nas igrejas protestantes históricas atuais, ressaltando, dentre outras, as seguintes diferenças: o evangelicalismo coloca ênfase no evangelismo como proclamação do evangelho enquanto o protestantismo liberal coloca ênfase na ação social; o evangelicalismo crê em uma transformação individual por meio do evangelho, enquanto o protestantismo liberal busca uma transformação da sociedade; o evangelicalismo aponta para o pecado individual, enquanto o protestantismo liberal aponta para as injustiças nas estruturas sociais⁷⁸. Podemos chegar à conclusão, então, que uma das principais características do movimento evangelical é uma interpretação do cristianismo que enfatiza a relação vertical do ser humano com Deus e a necessidade de arrependimento e conversão do indivíduo.

Essa ênfase teológica do evangelicalismo evidentemente se reflete na maneira de cultuar a Deus em comunidade, ou seja, na liturgia e na música. Na IECLB, há uma forte presença de grupos evangélicos, que, no entanto, não são homogêneos. Essa presença é articulada especialmente pelo Movimento Encontro, que promove retiros em todo o Brasil, mantém uma agência missionária e uma faculdade de teologia, além de influenciar diversas paróquias e comunidades, por meio de ministros e leigos identificados com suas propostas.

O Movimento Encontro surgiu a partir de um avivamento na comunidade luterana em Novo Hamburgo/RS⁷⁹. Esse avivamento se originou com um trabalho de um grupo que se reunia para orar e visitar membros da comunidade, auxiliando as tarefas do pastor local. Ganha fôlego com a chegada, em 1965, do pastor norte-americano John Aamot, que começa um trabalho mais incisivo no sentido de

⁷⁸ Cf. CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 489.

⁷⁹ LICHTER, Carlos. **Movimento Encontro**: 40 anos. Curitiba: Encontro, 2007, p. 15-19.

confrontar as pessoas a tomarem uma decisão pessoal por seguir a Jesus Cristo⁸⁰. Entre as pessoas que aderiam ao chamado, foram realizados não apenas grandes retiros e evangelizações, mas também se formaram pequenos grupos que se reuniam regularmente para oração e estudo bíblico. Esses grupos ficaram conhecidos como grupos ECO (estudar, compartilhar e orar), e contavam com cerca de 10 pessoas cada, geralmente liderados por um leigo⁸¹.

O pastor John Aamot e outros líderes do movimento tinham muitos contatos com os estudantes da Faculdade de Teologia da IECLB em São Leopoldo, e também com outros pastores, o que ajudou na disseminação das ideias. Deste modo, o movimento se espalhou inicialmente em comunidades da IECLB nas cidades gaúchas de Pelotas, Três Coroas, Cruz Alta, Ijuí e São Leopoldo⁸². Através dos retiros e da influência de pastores, o movimento veio a se espalhar por diversas comunidades e sínodos da IECLB.

A ênfase do movimento na necessidade de uma conversão pessoal, mesmo entre as pessoas que já eram batizadas em comunidades da IECLB, também gerou tensões entre o movimento e algumas instâncias da igreja, pois isto foi visto por alguns pastores como incoerente com a doutrina batismal da igreja⁸³. Isso não impediu que o movimento continuasse crescendo, conquistando adeptos dentro e fora da IECLB, sem que houvesse com isso um cisma.

Atualmente, o Movimento Encontro tem sua sede em Curitiba/PR, onde também funcionam o Centro Pastoral de Missão, a editora Encontro Publicações, e a Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV), reconhecida pela IECLB como um dos centros de formação de ministros para a igreja, tendo como sua ênfase o ministério missionário. O movimento entende-se como parte da IECLB, tendo suas raízes tanto no evangelicalismo quanto no pietismo⁸⁴.

As ênfases teológicas do evangelicalismo estão diretamente relacionadas com algumas características do culto celebrado nas comunidades influenciadas por esse movimento⁸⁵:

⁸⁰ LICHTER, 2007, p. 21-24.

⁸¹ LICHTER, 2007, p. 36-37.

⁸² LICHTER, 2007, p. 59-62.

⁸³ LICHTER, 2007, p. 67-71.

⁸⁴ Cf. Movimento Encontro. **Propósitos**. Disponível em: <<http://www.me.org.br/2somos/propositos.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁸⁵ Algumas destas características estão em conformidade com a apresentação “A

a) Rituais litúrgicos mais elaborados costumam não ser bem vistos. A liturgia é centralizada no louvor e na pregação da Palavra. Elementos que identifiquem uma tradição denominacional específica não são valorizados;

b) A música costuma ser em estilo contemporâneo (guitarras, baterias, baixo etc.);

c) Há forte ênfase no sacerdócio geral dos crentes, estimulando-se a participação dos leigos na celebração. Vestes litúrgicas não são vistas com simpatia, pois acabam servindo como um elemento que diferencia o ministro ordenado dos leigos⁸⁶;

d) Um forte intercâmbio entre evangélicas de diferentes denominações. É comum a presença de pregadores convidados de outras denominações⁸⁷. A música também é proveniente de ministérios evangélicos de outras denominações⁸⁸;

e) Embora não haja, na maioria dos casos, conflito explícito com a confessionalidade da denominação, questões doutrinárias tendem a se reduzir a um mínimo denominador comum que possa ser aceito por evangélicas de qualquer outra denominação. Por isso, questões referentes aos sacramentos, eclesiologia e pormenores soteriológicos quase nunca são abordados⁸⁹;

contribuição da reforma do século XVI para o culto cristão”, do pastor Martin Weingartner, um dos expoentes do Movimento Encontrão, cf. WEINGARTNER, Martin. A contribuição da reforma do século XVI para o culto cristão. Disponível em: < WEINGARTNER, Martin. A contribuição da reforma do século XVI para o culto cristão. Disponível em: <<https://goo.gl/n4fCew>>. Acesso em 25 nov. 2015.

⁸⁶ Cf. WEINGARTNER, Martin. Vestes litúrgicas “resgatam o sentido da ordenação”? Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/848/777>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁸⁷ Essa tendência se constata nos eventos denominados Encontrões, onde os pregadores de outras denominações costumam ter mais proeminência do que os próprios pastores luteranos. Verifica-se que o último evento de abrangência nacional organizado pelo movimento, o “Encontrão Jovem Nacional”, teve entre seus preletores 2 presbiterianos, 1 metodista, 1 batista e 1 do movimento Vineyard, e nenhum ministro da IECLB, conforme o site oficial da organização. Cf. Movimento Encontrão. **EJN e ENA 2015**. Disponível em: <<http://me.org.br/ejnena2015/index.html>>. Acesso em 25 nov. 2015.

⁸⁸ Como exemplo, citamos os ministérios Vineyard e Hillsong, provenientes de igrejas pentecostais ou neo-pentecostais do mundo anglo-saxão, cujas músicas traduzidas para o português são muito disseminadas nas igrejas brasileiras.

⁸⁹ Quanto a isso, veja-se a declaração de propósitos “No que cremos...” do Movimento Encontrão, onde se expõe um conjunto de crenças que poderia ser subscrito por evangélicas de qualquer denominação, e os aspectos distintivamente luteranos da teologia são evitados. Cf. Movimento Encontrão. **Propósitos**: No que cremos...

f) A ênfase na necessidade de conversão pessoal a Cristo também direciona a prédica e o culto como um todo, podendo haver momentos litúrgicos como o apelo, em que os participantes são convidados a assumirem um compromisso com Cristo e sinalizar isto indo até o altar⁹⁰. Esses momentos também evidenciam a função da música como catalizadora de emoções.

Na música litúrgica, o evangelicalismo nas igrejas brasileiras trouxe uma ampla utilização de instrumentos musicais da música *pop* e *rock*. O momento de louvor, espaço na liturgia onde se cantam várias músicas, às vezes interpeladas por momentos de ministração, ganhou espaço preponderante nos cultos. As letras contêm repetições de *slogans* de fácil memorização. Esse estilo musical que combina as tendências do *pop* e *rock* norte-americanos com letras religiosas é conhecido como música gospel⁹¹.

Uma tendência presente na maioria das denominações protestantes históricas no Brasil é o abandono dos hinários e a adoção de corinhos provenientes de tradições carismáticas⁹². Entre os evangélicos na IECLB, embora o hinário oficial não tenha sido abandonado durante os cultos, surgiram vários cancioneiros para uso em outras ocasiões. Um desses cancioneiros, atualmente em uso em muitas comunidades, é o “Novo Cântico”⁹³, que contém 170 hinos.

Entre os 170 hinos do “Novo Cântico”, há muito material proveniente dos hinários oficiais da IECLB. Há hinos do período da ortodoxia e do pietismo, como “Alma bendize”, “Castelo forte”, “Por tua mão me guia”, “Quão bondoso amigo é Cristo” etc. Também estão presentes hinos provenientes do ambiente ecumênico e de outras tradições evangélicas presentes no Brasil, e diversos corinhos de memorização fácil como “Vem derrama a paz”, “Vamos adorar a Deus”, “Jesus Cristo mudou meu viver” etc. Em resumo, trata-se de uma compilação entre hinos clássicos da tradição luterana e cânticos mais recentes de grande aceitação entre o público evangélico. Os hinos estão dispostos em ordem alfabética, sem relação

Disponível em: <<http://www.me.org.br/2somos/cremos.html>>. Acesso em 25 nov. 2015.

⁹⁰ Cf. Portal Luteranos. **Encontrão Jovem Nacional reúne mais de 2 mil jovens**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontrao-jovem-nacional-reune-mais-de-2-mil-jovens>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁹¹ MARASCHIN, 2010, p. 116.

⁹² FREDERICO, 2001, p. 243.

⁹³ BIER, Sandro (coord.). **Novo Cântico**. Curitiba: Encontro, 2004.

com datas do calendário litúrgico.

4.2 Pietismo e a Missão Evangélica União Cristã

O pietismo nasceu na Alemanha no século XVII. O contexto religioso de então era marcado pela ortodoxia luterana, que buscou consolidar a identidade do luteranismo por meio da doutrina considerada correta. Esse desenvolvimento foi necessário para evitar a fragmentação da igreja protestante e resistir às investidas da Igreja Romana e da contra-reforma. No entanto, acabou gerando uma religiosidade estéril, baseada em discussões escolásticas sem muita relação com a vida diária das pessoas comuns. Nesse contexto, nasce o pietismo, que visa resgatar a espiritualização da fé e a conversão individual⁹⁴.

O surgimento do pietismo normalmente é associado à pessoa de Phillip Jacob Spener (1635-1705), autor da obra “Pia desideria” (Desejos piedosos), que na verdade surgiu como prefácio a uma obra do teólogo ortodoxo Johann Arndt⁹⁵. Neste escrito, Spener faz uma análise da situação da igreja evangélica de seu tempo e propõe as seguintes mudanças para que ela volte aos ideais da reforma e do cristianismo bíblico⁹⁶:

- a) Ensino extensivo da Palavra de Deus a todos os cristãos, não apenas nos cultos, mas também em pequenos grupos;
- b) Fomentar o sacerdócio geral de todos os crentes;
- c) Primazia da prática correta do cristianismo sobre a doutrina correta;
- d) Evitar controvérsias e polêmicas religiosas;
- e) Reforma do estudo teológico, enfatizando não só a correta doutrina, mas também o exemplo pessoal de piedade dos professores e teólogos;
- f) A pregação como meio de edificação dos crentes.

As propostas de Spener não foram exatamente novas, pois muitas delas se fundamentam em ideias de Lutero. No entanto, foram o impulso inicial que desencadeou o surgimento e disseminação do movimento pietista.

Em muitos aspectos, o pietismo se assemelha muito ao evangelicalismo.

⁹⁴ DREHER, Martin. **História do Povo de Jesus**: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 417.

⁹⁵ DREHER, 2013, p. 419.

⁹⁶ SPENER, Phillip Jacob. **Mudança para o futuro**: Pia desideria. Curitiba: Encontro, 1996, p. 84-123.

No entanto, enquanto o pietismo tem suas raízes no luteranismo alemão, o evangelicalismo é mais frequentemente associado ao mundo anglo-saxão, em especial Inglaterra e Estados Unidos⁹⁷. No Brasil, ambas vertentes teológicas se fazem presentes no luteranismo, de maneira que é difícil distinguir exatamente uma da outra, a não ser em suas origens históricas: enquanto o Movimento Encontro surge por influência de pastores norte-americanos, o pietismo da IECLB está ligado à vinda de missionários alemães no século 20.

O pietismo na IECLB está associado com a Missão Evangélica União Cristã (MEUC), um movimento que surgiu a partir de 1927 quando, em resposta a um pedido feito por uma senhora imigrante alemã residente em São Bento do Sul (SC), foi enviado ao Brasil o missionário Alfred Pfeiffer⁹⁸. Nos anos subsequentes, Pfeiffer e outros missionários enviados pela Confederação de Gnadau (entidade que congrega os grupos pietistas da Alemanha) fomentaram avivamento nas comunidades teuto-evangélicas especialmente em Santa Catarina, através de estudos bíblicos e evangelizações.

Entendendo-se como parte da IECLB, com acentos pietistas, a MEUC tem como acentos que caracterizam seu trabalho: chamado ao arrependimento e conversão, vida de discipulado e santificação, insistência na *práxis pietatis* (leitura bíblica e oração, por exemplo), sacerdócio geral de todos os crentes, engajamento em ações missionárias e diaconais, e esperança no retorno de Cristo⁹⁹.

Com o crescimento do trabalho, foram sendo construídas sedes próprias para a MEUC em diversas cidades. Isso implicou numa maior institucionalização e autonomia do movimento¹⁰⁰, que conta com seu próprio quadro de obreiros, independente da IECLB, e diversas comunidades espalhadas em 25 cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. O Conselho da IECLB e a Assembleia Geral da MEUC aprovaram diretrizes para que as comunidades da MEUC pudessem ser reconhecidas dentro da estrutura da IECLB, seja como pontos de pregação, comunidades dentro de paróquias tradicionais da IECLB, ou mesmo como comunidade da MEUC com prerrogativas paroquiais.

⁹⁷ McGRATH, 2005, p. 159-161.

⁹⁸ STANGE, Klaus. A Missão Evangélica União Cristã – MEUC. In: BRUECKHEIMER, João Pedro (org.). **Há sinais de paz e de graça**. Blumenau: Otto Kuhr, 2003, p. 111-117.

⁹⁹ STANGE, 2003, p. 113.

¹⁰⁰ STANGE, 2003, p. 113-114.

Também foi aberta a possibilidade de reconhecimento da ordenação de obreiros da MEUC pela IECLB¹⁰¹. Na prática, essas comunidades oriundas da atuação missionária da MEUC mantêm completa autonomia administrativa em relação à IECLB, sendo que em muitas sequer há identificação visual com a IECLB.

O fato de, dentre todos os movimentos intraeclesiais na IECLB, a MEUC é o único que praticamente constituiu uma estrutura eclesial independente significa também que as comunidades em seu âmbito permaneceram praticamente intocadas por quaisquer diretrizes ou orientações na área da liturgia e da música emitidas pela IECLB. Materiais como o Livro de Culto da IECLB, o hinário Hinos do Povo de Deus, e subsídios visuais para promoção dos temas anuais da IECLB são completamente desconhecidos nas comunidades da MEUC.

No campo da liturgia, as comunidades da MEUC sempre se orientaram pela terceira forma de culto prevista por Lutero: reuniões informais com cânticos, estudo da Bíblia e orações, preferencialmente em lares com grupos pequenos. Essas reuniões informais não visavam substituir o culto público comunitário, mas complementá-lo na piedade daqueles que “querem ser cristãos sinceramente e confessam o Evangelho com palavras e ações”¹⁰². Embora esta forma de culto tenha sido prevista por Lutero, ela só foi efetivada com o movimento pietista, sendo esses pequenos grupos designados *ecclesiola in ecclesiae* (a pequena igreja na igreja)¹⁰³. Essa foi a forma de atuação da MEUC durante suas primeiras décadas. No entanto, atualmente constata-se que a maioria dos distritos realiza cultos públicos semanais em suas sedes. Nesses cultos também não se usa qualquer prontuário ou livro de culto tradicional.

A MEUC também elaborou para si um cancioneiro próprio chamado “Vamos Todos Cantar”¹⁰⁴. Este hinário é uma coleção de 360 hinos, dentre os quais muitos já faziam parte do hinário oficial da IECLB. Embora os hinos estejam distribuídos em ordem alfabética, há um índice organizado por assunto. Advento e natal, paixão e páscoa são os únicos temas que têm relação com o calendário

¹⁰¹ Cf. Portal Luteranos. **Diretrizes para a atuação da MEUC na IECLB**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/diretrizes-para-a-atuacao-da-meuc-na-ieclb>>. Acesso em 26 nov. 2015.

¹⁰² LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto. In: Comissão Interluterana de Literatura. **Obras Seleccionadas de Martinho Lutero** vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 179.

¹⁰³ DREHER, 2013, p. 418.

¹⁰⁴ **Vamos Todos Cantar**. 4. ed. São Bento do Sul: União Cristã, 2010.

litúrgico. A temática que contém a maior quantidade de hinos é “Adoração, gratidão e louvor”. As ênfases pietistas no arrependimento e conversão, evangelização e missão também estão representadas. A maior parte dos hinos enfatiza a relação vertical do ser humano com Deus.

O pietismo na IECLB não se restringe às comunidades onde atuaram missionários da MEUC, tendo em vista que esta tradição veio da Europa também com alguns imigrantes. A hinódia do pietismo foi marcada pelo subjetivismo, que propagava princípios bíblicos assim como no período da ortodoxia, mas revestidos por paixão e emoção¹⁰⁵.

4.3 Teologia da libertação e a Pastoral Popular Luterana

A teologia da libertação nasce na Igreja Católica latino-americana nas décadas de 1960/70, num contexto em que muitos países da região (incluindo o Brasil) eram governados por ditaduras. Em 1968 um congresso realizado entre os bispos latino-americanos em Medellín (Colômbia) causou grande impacto ao reconhecer que a Igreja Católica frequentemente havia apoiado esses regimes, declarando que dali para frente tomaria partido dos necessitados¹⁰⁶.

O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez publicou em 1971 a obra “Teologia da Libertação”, introduzindo temas característicos do movimento, como a opção preferencial pelo pobre e pelo oprimido e a reflexão crítica em relação à prática cristã. O marxismo é usado como instrumento de análise social, sendo a hermenêutica bíblica pautada pela temática da libertação. Aspectos sociais, políticos e econômicos da salvação eram privilegiados em detrimento da dimensão transcendental¹⁰⁷.

Na música, o movimento da teologia da libertação ajudou a trazer o culto para uma realidade mais próxima do povo brasileiro. São características desse movimento o ecumenismo e a busca por transformação social. Por isso, as celebrações usam, ao lado de hinos tradicionais, cânticos com melodias e ritmos folclóricos¹⁰⁸.

A metodologia da teologia da libertação é abraçada, dentro do luteranismo,

¹⁰⁵ FREDERICO, 2001, p. 179-180.

¹⁰⁶ McGRATH, 2005, p. 153.

¹⁰⁷ McGRATH, 2005, p. 154-155.

¹⁰⁸ MARASCHIN, 2010, p. 111-112.

pela Pastoral Popular Luterana (PPL), que surge na década de 1980. No entanto, a PPL não se autodenomina um movimento, e sim, um espaço pastoral no âmbito da IECLB¹⁰⁹.

Por iniciativa da PPL foi criado o cancioneiro “O Povo Canta”. Divide-se em 4 capítulos: o povo canta sua vida; a igreja canta sua fé; liturgia e cantos litúrgicos; e celebração¹¹⁰. Neste hinário¹¹¹, encontramos também muito material proveniente da tradição luterana mais antiga. Há uma preocupação com a celebração litúrgica, pois uma das seções do hinário é dedicada a cânticos para momentos específicos da liturgia, como *Kyrie*, Aleluia, Glória etc.

A marca do ecumenismo também é perceptível no cancioneiro, pois muitos hinos são provenientes do catolicismo. A tendência de enfatizar o social acima do individualismo é marcada até mesmo nos títulos de seções do cancioneiro: “o povo canta sua vida” e “a igreja canta sua fé”. Na forma como são dispostas as seções do cancioneiro, também se expressa a metodologia da teologia da libertação, onde a prática (experiência com os pobres e oprimidos) precede a reflexão teológica, que por sua vez conduz a uma nova prática libertadora¹¹². Essa nova prática, fruto da experiência e da reflexão, é expressa também na vida litúrgica da comunidade, que é tematizada nas últimas seções do cancioneiro.

Por essa razão, nem todos os cânticos do cancioneiro têm conteúdo explicitamente religioso. Temas como luta, esperança, o trabalho agrícola etc., são tratados na primeira seção. Grupos considerados marginalizados ou oprimidos, como os negros, pobres, mulheres e deficientes, também são tematizados em diversas canções. Também há hinos com textos bíblicos e provenientes da tradição luterana, embora em quantidade menor. Em geral, percebe-se a preocupação de selecionar hinos com ritmos mais próximos à música popular brasileira.

4.4 Tensões identificadas na prática musical e litúrgica

Da análise dos hinários oficiais da IECLB, ao longo de sua história e,

¹⁰⁹ WÖLFF, Günter Adolf. A Pastoral Popular Luterana – PPL. In: BRUECKHEIMER, João Pedro (org.). **Há sinais de paz e de graça**. Blumenau: Otto Kuhr, 2003, p. 118-119.

¹¹⁰ FREDERICO, 2001, p. 293.

¹¹¹ **O Povo Canta**: cancioneiro da Pastoral Popular Luterana. Curitiba: PPL-Publicações, 2001.

¹¹² WÖLFF, 2003, 119-120.

recentemente, do novo Livro de Canto, do Livro de Culto, e dos cancioneiros utilizados pelos movimentos intraeclesiais, identificam-se permanentemente as seguintes tensões:

Entre tradição e novidade: os movimentos são frequentemente questionados quanto ao seu compromisso com a base confessional da igreja. Os hinos antigos da tradição luterana aparecem, ainda que em número reduzido, em todos os cancioneiros dos movimentos, como forma de reafirmar o seu vínculo com a tradição. No entanto, material novo também é introduzido para facilitar a inculturação do evangelho e a identificação com valores específicos de cada movimento. Entre evangélicos e pietistas há preferência por ritmos norte-americanos como o *pop* e o *rock*. No movimento da teologia da libertação, privilegiam-se ritmos brasileiros, havendo inclusive hinos intitulados “Baião das comunidades” e “Xote da vitória” no cancionário “O Povo Canta”. Na liturgia, a tensão se revela entre a repetição automatizada de ritos estabelecidos nos prontuários e a inovação total, que desvincula o culto de suas raízes históricas;

Entre individualismo e comunitarismo: as tradições evangélica e pietista tendem a enfatizar, na música, mais a relação vertical do ser humano com Deus, enquanto que o movimento da teologia da libertação privilegia a relação horizontal com o próximo. Há o perigo de que essas ênfases sejam absolutizadas, e que um desses aspectos seja esquecido em detrimento do outro;

Entre imanente e transcendente: na teologia da libertação, há o perigo de reduzir a esperança cristã à transformação das estruturas sociais, enquanto que nos movimentos evangélico e pietista ressaltam-se aspectos transcendentais do cristianismo e uma esperança escatológica no pós-morte.

CONCLUSÕES

A música e a liturgia são as principais formas com as quais as comunidades expressam sua fé. Exatamente por esse motivo, elas também estão frequentemente ligadas a tensões que podem até mesmo levar a divisões e a traumas, como tem se observado na história recente de muitas comunidades luteranas.

É natural que comunidades em contextos diferentes encontrem formas diferentes de se expressar musical e liturgicamente. Não se pode esperar que uma comunidade formada por imigrantes alemães no interior de Santa Catarina e uma

comunidade surgida por atuação missionária no sertão nordestino, por exemplo, celebrem seus cultos de maneira idêntica. No entanto, se há um elo confessional que une todas as comunidades, sejam elas urbanas ou rurais, frutos de missão ou imigração, deve haver princípios irrenunciáveis que se apliquem a todas elas.

O primeiro desses princípios, em conformidade com o testemunho bíblico e com a teologia da reforma, é o de que a pregação da Palavra deve ter a primazia na liturgia. O culto não é apenas um evento social, uma forma de entretenimento ou uma apresentação artística. É um encontro de Deus com a comunidade, e segundo a confessionalidade luterana, esse encontro se dá por meio da Palavra, através da pregação e dos sacramentos. Por isso, liturgia e música devem estar subordinadas a esse princípio.

O segundo princípio é o de que a música tem também a função de educar na fé cristã. A Reforma soube utilizar esse princípio muito bem, pois os hinos, cantados no vernáculo, transmitiam ideias centrais da teologia luterana, e ajudavam a disseminá-los entre o povo comum. Muitos desses hinos cumpriram uma função importante entre os imigrantes evangélicos que vieram ao Brasil, pois sem a assistência de pastores devidamente instruídos, os hinários que carregavam eram a única forma de conservar e transmitir a fé herdada.

A música no culto não serve simplesmente para animar e entreter o público, por isso deve-se evitar o uso exclusivo de canções simples, sem conteúdo doutrinário e que apelem apenas para as emoções. Igualmente, devem-se evitar desvios na finalidade do culto e do louvor: manipulação psicológica de emoções para atingir fins humanos (utilitarismo), ignorando que o centro da liturgia deve sempre estar em Deus, e não nas emoções humanas¹¹³.

Finalmente, devem-se evitar extremismos na prática do culto. Esses extremismos ocorrem quando enfatizamos apenas o aspecto individual ou o coletivo, ou ainda apenas o aspecto transcendental ou o imanente. O apego legalista ao material herdado da tradição ou ainda a inovação excessiva, que joga fora todo o passado da igreja, são extremismos igualmente prejudiciais. Por essa razão, o Livro de Culto da IECLB entende o fazer litúrgico como um moldar, que admite criatividade e inovação.

Saber trabalhar com essas tensões, evitando os extremismos, é

¹¹³ HOON, Paul Waitman. Corruption of worship by manipulation and utilitarianism. WEBBER, Robert E. (ed.) **The complete library of Christian worship**. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994, p. 398-399.

imprescindível para a prática do culto cristão. Especial atenção é requerida quando práticas com as quais as comunidades já estavam familiarizadas são mudadas. É natural que ocorra desconfiância quanto a tudo o que é novo. É responsabilidade dos ministros avaliar teologicamente músicas e práticas litúrgicas novas antes que sejam introduzidas nas comunidades.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Christoph. A música do culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph, MEYER BLANCK, Michael, BIERITZ, Karl-Heinrich (Orgs.). Manual de Ciência Litúrgica. Volume 2. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.
- Bíblia Sagrada e Hinos do Povo de Deus. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, SBB, 2010.
- BIER, Sandro (coord.). Novo Cântico. Curitiba: Encontro, 2004.
- BRADSHAW, Paul F. The search for the origin of Christian worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.) The complete library of Christian worship. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994.
- CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CREUTZBERG, Leonhard. Estou pronto para cantar: subsídios para a hinariologia da IECLB. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- DREHER, Martin. História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- EBERLE, Soraya Heinrich (et. al.) Livro de Canto da IECLB. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2017.
- FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. Cantos para o culto cristão. São Leopoldo, Sinodal, 2001.
- GEORG, Sissi. Liturgia Cristã: Dádiva e Compromisso. In: EWALD, Werner (editor). Música e Igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- GRAY, Robert. Worship in the book of revelation and the eastern orthodox liturgy. In: WEBBER, Robert E. (ed.) The complete library of Christian worship. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994.
- HOON, Paul Waitman. Corruption of worship by manipulation and utilitarianism. WEBBER, Robert E. (ed.) The complete library of Christian worship. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994.
- IBGE. Censo demográfico e contagem da população. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=13&i=P&c=1489>>. Acesso em: 21 nov. 2015.
- Iglesia Evangélica Luterana en América. Principios para la adoración. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2003.
- KIRST, Nelson. Nossa liturgia: das origens até hoje. 3. ed. Ver. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- LEONARD, Richard C. Psalms in biblical worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.) The

- complete library of Christian worship. Vol. 1: the biblical foundations of Christian worship. Massachusetts: Hendrickson, 1993.
- LICHTER, Carlos. Movimento Encontrão: 40 anos. Curitiba: Encontro, 2007.
- LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto. In: Comissão Interluterana de Literatura. Obras Seleccionadas de Martinho Lutero vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 173-205.
- LUTERO, Martinho. Prefácio ao hinário de Babst de 1545. In: Comissão Interluterana de Literatura. Obras Seleccionadas de Martinho Lutero vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 481-482.
- LUTERO, Martinho. Prefácio a todos os bons hinários. In: Comissão Interluterana de Literatura. Obras Seleccionadas de Martinho Lutero vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 483-484.
- MARASCHIN, Jaci. Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade. São Paulo: ASTE, 2010.
- MARTINI, Romeu R. Livro de Culto. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- McGRATH, Alister E. Teologia sistemática, histórica e filosófica. São Paulo: Shedd, 2005.
- Movimento Encontrão. EJA e ENA 2015. Disponível em: <<http://me.org.br/ejnen2015/index.html>>. Acesso em 25 nov. 2015.
- Movimento Encontrão. Propósitos. Disponível em: <<http://www.me.org.br/2somos/propositos.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- Movimento Encontrão. Propósitos: No que cremos... Disponível em: <<http://www.me.org.br/2somos/cremos.html>>. Acesso em 25 nov. 2015.
- O POVO CANTA: cancionário da Pastoral Popular Luterana. Curitiba: PPL-Publicações, 2001.
- Portal Luteranos. Conselho Nacional de Música da IECLB. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/conselho-nacional-de-musica/assessoria-1>. Acesso em 21 nov. 2015.
- _____. Diretrizes para a atuação da MEUC na IECLB. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/diretrizes-para-a-atuacao-da-meuc-na-ieclb>>. Acesso em 26 nov. 2015.
- _____. Encontrão Jovem Nacional reúne mais de 2 mil jovens. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/encontrao-jovem-nacional-reune-mais-de-2-mil-jovens>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- _____. Momento atual da IECLB, em especial a relação com o Movimento Carismático. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/momento-atual-da-ieclb-em-especial-a-relacao-com-o-movimento-carismatico-2005>>. Acesso em 26 nov. 2015.
- _____. Obra Missionária Acordai. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/organizacao/obra-missionaria-acordai>>. Acesso em 26 nov. 2015.
- _____. Paul Gerhardt. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/paul-us-gerhardt-1607-1676>>. Acesso em 21 nov. 2015.
- _____. Reunião da comissão do novo hinário. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/reuniao-da-comissao-do-novo-hinario>> Acesso em: 21 nov. 2015.
- PRIEN, Hans-Jürgen. Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.
- SCHALK, Carl F. Lutero e a música: paradigmas de louvor. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- SPENER, Phillip Jacob. Mudança para o futuro: Pía desideria. Curitiba: Encontro, 1996.
- STANGE, Klaus. A Missão Evangélica União Cristã – MEUC. In: BRUECKHEIMER,

- João Pedro (org.). Há sinais de paz e de graça. Blumenau: Otto Kuhr, 2003.
- WEINGARTNER, Martin. A contribuição da reforma do século XVI para o culto cristão. Disponível em: <<https://goo.gl/n4fCew>>. Acesso em 25 nov. 2015.
- WHITE, James F. Lutheran Worship. In: WEBBER, Robert E. (ed.) The complete library of Christian worship. Vol. 2: twenty centuries of Christian worship. Nashville: StarSong, 1994.
- WÖLFF, Günter Adolf. A Pastoral Popular Luterana – PPL. In: BRUECKHEIMER, João Pedro (org.). Há sinais de paz e de graça. Blumenau: Otto Kuhr, 2003.
- VAMOS TODOS CANTAR. 4. ed. São Bento do Sul: União Cristã, 2010.
- ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. Teoria e Prática do Ministério de Música. In: EWALD, Werner (editor). Música e Igreja: reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.